



SE 06. Grafias da imagem na Antropologia em ação

Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Coordenador/a, Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz (UFF) - Coordenador/a, Ana Zanotti (Documentarista Independente) - Participante, Ana Luiza Carvalho da Rocha (Universidade Feevale/RS) - Participante, Alexandre Fleming Câmara Vale (Universidade Federal do Ceará) - Debatedor/a, Zoy Anastassakis (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) - Participante, Bárbara Andréa Silva Copque (UERJ) - Participante, Fabiana Bruno (Unicamp) - Participante, Aina Guimarães Azevedo (Universidade Federal da Paraíba) - Debatedor/a

A constituição, produção, circulação e o ensino dos saberes antropológicos já não se conformam às convenções e aos princípios epistemológicos assimétricos e hierárquicos que prevaleceram ao longo da história dessa disciplina. Os trabalhos e as ações de pesquisadoras/es que pretendemos reunir e discutir neste Simpósio, tensionam as formas e fundamentos da prática antropológica e da escrita etnográfica, (des/re)articulando seus conceitos e pensamentos - seja pela experimentação de múltiplas grafias com, através e a partir de imagens, seja por inovadoras práticas e reflexivas, envolvendo a intertextualidade, a hipertextualidade e outros meios digitais e virtuais de engajamento e experiência do mundo. Arriscam-se, assim, na invenção de formas dialógicas, experimentais e criativas de conceber e questionar, não apenas a antropologia, como também a universidade, a cultura e suas próprias conceituações. Através do trabalho poético da imagem e do imaginário, de princípios de (de/re)composição e (des/re)montagem, investem nas dimensões antropológicas do percebido e do imaginado, propõem correspondências, narrativas públicas e intervenções museológicas, cujo fluxo, o devir, e a circulação social interrogam e colocam à prova o fazer antropológico contemporâneo.

E se experimentássemos fazer antropologia por meio do design?

Autoria: Zoy Anastassakis

A imaginação de futuros alternativos é questão que envolve designers e antropólogos. Entre os que discutem o tema, Gatt e Ingold (2013) se destacam ao propor a design anthropology que se caracteriza como antropologia por meio do design. A área não se pretende como campo estável, mas como o que McLean (2017) define por third space: espaço liminar de instabilidade, transição e transformação, onde modos de produção de conhecimento operam em combinação, colaborando, sem reduzir as exigências de cada área. A pesquisa pretende operar nos interstícios, explorando as liminaridades entre cânone e ruptura, que Ingold (2016) nomeia de diferenciação intersticial ou in-between-ness. Além de uma introdução ao debate apontado, comento pesquisas realizadas no Laboratório de Design e Antropologia da Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**